Dia 23 — São João Damasceno, Confessor

São João Damasceno, ilustre por sua doutrina, mas muito mais por sua virtude; um dos mais ilustres defensores da fé, ornamento e coluna da igreja grega, nasceu em Damasco, cidade capital da Síria, por volta do ano 677 [^1], quando estava já sob o domínio dos sarracenos. Seus nobres progenitores, firmes sempre na fé de Jesus Cristo, haviam-se assinalado constantemente mais pelo zelo da religião que por seu esclarecido sangue e pelos elevados empregos com que os príncipes sarracenos os haviam honrado. Sérgio Mansur, pai de nosso santo, avantajou-se muito a seus gloriosos antepassados em poder, em crédito e em virtude. Elevou-o seu mérito aos primeiros cargos. Sendo homem poderoso, empregava suas riquezas em resgatar cativos cristãos e em sustentar os solitários que povoavam os desertos da Palestina. Não teve outro filho que nosso santo e assim dedicou todo o seu cuidado a dar-lhe uma educação correspondente a sua religião e a seu nascimento.

Logrou-a sem dificuldade, porque o excelente natural e a muita capacidade do menino João lhe pouparam muitos preceitos. Em meio disso, não teria feito grandes progressos nas letras, vivendo num país desprovido de mestres e em que dominava a ignorância tanto como o maometismo, se a divina Providência não lhe houvesse deparado um capacíssimo de instruí-lo. Passando um dia seu pai pela praça, encontrou-se com uma tropa de cativos, entre os quais lhe levou toda a atenção um vestido de frade, por sua circunspecção e por sua singular modéstia. Notou, e até se admirou, não sem piedosa estranheza, de vê-lo banhado em lágrimas; porque, como homem tão virtuoso, parecia-lhe que nenhum cristão, e muito menos um frade, devia afligir-se por acidente algum desta vida. Aproximou-se do cativo, consolou-o muito cristãmente e perguntou-lhe qual era sua profissão. «Eu sou, respondeu-lhe este, um sacerdote italiano; meu nome é Cosme, e nem minhas lágrimas nem minha dor têm por motivo a miséria do cativeiro em que me vejo nem o temor da morte que considero próxima. Aflijo-me porque, tendo passado toda a vida no penoso estudo das ciências, só por ter algum dia o consolo de tirar algum discípulo que fosse útil à santa Igreja, sem me haver proposto outro fim nem pensado em outra recompensa por prêmio de meus trabalhos, vejo-os agora malogrados, considerando-me destinado a morrer num estéril cativeiro.» Surpreendido Mansur de tão estranha aventura, persuadiu-se desde logo de que era alta disposição da divina Providência, que por um meio tão irregular lhe presenteava naquele cativo um mestre o mais a propósito para o ensino de seu filho. Resgatou-o, deu-lhe liberdade e o fez preceptor do menino João e de outro menino chamado Cosme, aquele famoso poeta lírico a quem deve a igreja grega a melhor parte de seus hinos e a quem havia adotado por filho o mesmo Mansur. Sob a disciplina de tão insigne mestre fizeram os dois discípulos tão assombrosos progressos em todas as ciências que, reconhecendo e confessando de boa-fé o religioso italiano que lhes havia ensinado tudo quanto sabia, pediu licença para retirar-se e, obtida, recolheu-se à laura de São Sabas, fundada na mesma Palestina, onde viveu santamente o resto de seus dias.

O califa Hixem, príncipe dos sarracenos, conheceu logo o talento de nosso santo; e mal morreu seu pai, nomeou-o presidente de seu conselho e seu tesoureiro-geral. Resistiu-se João por sua modéstia a tão elevados empregos; mas só serviu sua resistência para confirmar e aumentar o conceito superior que tinha formado o príncipe de sua consumada prudência. Suspirava sempre João pela vida monástica; fez repetidas instâncias ao califa para que lhe permitisse retirar-se, mas, enamorado cada dia mais da virtude e da habilidade de seu ministro, longe de consentir no retiro que anelava, nomeou-o governador de Damasco e o declarou superintendente geral de toda a província.

À medida que cresciam em João as honras e as dignidades, aumentava-se nele a virtude e seu religioso zelo. Jamais se viu maior modéstia nem maior religião num grande da terra. Carecia de limites sua devoção, sua ternura e sua veneração à Mãe de Deus. Em todos os aposentos de seu palácio havia alguma imagem da santíssima Virgem; este era o assunto mais comum de suas poesias. A afabilidade, a urbanidade e o agrado com que ouvia a todos ganhavam-lhe o coração de quantos o tratavam, merecendo cada dia mais o favor e a estima do príncipe. Parecia que esta elevação desconcertava inteiramente os intentos da divina Providência, fazendo inútil para a Igreja tanto o grande talento de que São João estava dotado como as ciências com que se havia enriquecido; mas nenhuma coisa é capaz de mudar os eternos decretos da Sabedoria divina. Era necessária, ao que parece, alguma feliz desgraça para lançar São João ao porto onde pudesse cumprir tranquilamente as disposições do céu; e com efeito sucedeu esta desgraça.

Acabava o imperador Leão Isáurico de excitar uma sangrenta perseguição contra todos os que rendiam culto às imagens de Jesus Cristo, da santíssima Virgem e dos santos; mas encontrou no governador de Damasco um inimigo ou um contrário ainda mais temível que o santo patriarca e os doutores de Constantinopla. Ainda que vivia João fora da jurisdição e dos estados daquele ímpio príncipe, considerou-se obrigado a sair à defesa de seus irmãos em necessidade tão urgente. Como estava tão versado tanto na antiguidade da Igreja como na sagrada teologia, escreveu fortemente contra aquela impiedade. Nos dois primeiros discursos que publicou mostra a grande diferença que há entre honrar e adorar as santas imagens; faz visível demonstração de que os fiéis, desde o tempo mesmo dos apóstolos, honraram sempre as imagens, mas jamais as adoraram. Prova até a evidência que não há calúnia mais grosseira nem mais mal concebida que esta que se levanta à Igreja. «Proibiu Deus, diz o santo, fazer imagens para adorá-las, mas não para honrar os santos que por elas se nos representam; antes bem expressamente ordenou que para este fim se fizessem, tanto no templo de Jerusalém como na arca do testamento. Tira, pois, todas as imagens e declara-te contra o que as mandou fazer; ou senão, recebe-as como convém a cada uma.» No segundo discurso descobre palpavelmente a malignidade deste erro e a grosseira torpeza desta heresia. «Antigamente, diz, fazia o demônio que os homens adorassem até as imagens dos brutos e das feras; agora, pelo contrário, induz este mesmo enganador os homens ignorantes e ímpios a que neguem às imagens dos santos o religioso culto que se lhes deve.» O terceiro discurso que divulgou reduz-se todo a esclarecer mais as razões dos outros dois. Enviou João estes escritos a todos os seus amigos e aos prelados da Grécia e da Síria, encarregando-lhes que os divulgassem. Como eram sólidos, concludentes, cheios de instrução e de uma eloquência viva e persuasiva, fizeram todo o efeito que se esperava deles; confirmaram os fiéis na fé e confundiram os hereges.

Mas, como o espírito da heresia, quando não pode enganar os homens, faz esforços para perdê-los e na falta de razões recorre sempre às calúnias, não podendo sofrer o imperador grego que um homem de tão alta reputação em todo o Oriente combatesse com tanta força e com tanta felicidade todos os seus erros, recorreu para vingar-se dele ao mais infame e mais vergonhoso artifício. Teve meio para lograr uma carta do santo, firmada de sua mão e, buscando um sujeito muito destro na perniciosa habilidade de contrafazer letras, fez imitar a de João com tanta propriedade que era muito difícil distinguir a falsa da verdadeira. Assegurado já de seu acerto, mandou-lhe copiar a carta seguinte, fingindo que o santo lha havia escrito com o traidor intento de entregar-lhe a cidade de Damasco logo que se aproximasse da praça com seu exército. A carta dizia assim:

«Senhor, sendo eu cristão, como o sou, julgo-me obrigado a render ao imperador dos cristãos o serviço que Deus e minha consciência pedem de mim contra os inimigos da religião que professo. Sob este suposto, dou aviso a V. M. de que esta praça de Damasco está mal guardada e a guarnição dos sarracenos é tão débil que de nenhum modo pode resistir nem sequer aos primeiros ataques. Suplico a V. M. em nome de Deus que não deixe perder tão bela ocasião de livrar da tirania dos bárbaros uma cidade tão florescente. Para isto não é mister mais que fazer avançar as tropas que tendes na fronteira; pois, sendo eu governador da praça, empenho a V. M. minha fé e palavra de cristão de que disporei as coisas de maneira que a surpreendam sem resistência logo que se deixem ver. Espero sobre este ponto as ordens de V. M. para a execução de uma empresa tão gloriosa a seu augusto nome e que não poderá faltar se seguis o conselho que tomo a liberdade de dar-vos; ficando entretanto com o mais profundo respeito,

João, muito humilde e muito fiel servidor de V. M.»

Remeteu-se esta carta ao califa de Damasco por pessoa segura e foi acompanhada de outra que lhe escreveu o imperador nestes precisos termos:

«A diversidade de religião jamais autoriza os príncipes para cometer um crime nem uma perfídia, violando a fé que reciprocamente se prometeram pelos tratados de paz. Em prova de que eu de minha parte quero invioladamente guardá-la, envio-vos esta carta que acabo de receber de um homem infame, ainda que cristão, de quem vos fiais e vos faz traição. Isto vos convencerá da aleivosia desse traidor e da sinceridade de meu proceder, persuadindo-vos de que em vossa mão está, sempre que me corresponderdes, que eu seja vosso amigo e aliado.»

Não era estranho que o califa caísse num laço tão dissimulado. Ficou como mudo e embargado ao ler as duas cartas e, tão colérico como aturdido, fez chamar o santo e pôs-lhe a carta na mão. Indignado João mais que surpreendido, exclamou contra tão infame embuste, protestando sua inocência; mas o califa, deixando-se levar daquele primeiro movimento da cólera, mandou que ao ponto lhe cortassem a mão direita e que fosse exposta na praça pública, como ao instante se executou.

Deixou o santo que se entibiasse algum tanto o primeiro calor da indignação do príncipe e, persuadido ao anoitecer de que já se teria temperado, fez-lhe suplicar que se lhe restituísse sua mão para enterrá-la. Com efeito, já os amigos do governador haviam feito conhecer ao califa o pérfido artifício do imperador grego e, voltado a si daquele pronto arrebatamento, condenava a

precipitação com que havia procedido sem dar lugar a que se descobrisse a calúnia. Achando-o nesta disposição, a súplica de João ouviu-a não sem alguma ternura e consentiu que se lhe entregasse a mão. Cheio então o santo de uma viva confiança, entra em seu oratório e, prostrado diante de uma imagem da santíssima Virgem, fez a seguinte oração: «Mãe de meu Deus, refúgio seguro e doce consolo de todos os fiéis, bem sabeis vós que perdi esta mão só por haver defendido o culto devido a vossas imagens, às de vosso Filho e de seus santos. Confundi, Senhora, neste dia o erro, confundindo a calúnia. Fazei que esta mão volte a juntar-se com seu braço para que unicamente se empregue em combater com esforço os inimigos de vosso Filho e vossos, servindo ao mesmo tempo de testemunho irrefragável à verdade.» Logo que pronunciou estas fervorosas palavras, aplicou a mão ao braço, a qual naquele mesmo momento se uniu a ele tão perfeitamente que ninguém poderia crer que houvesse sido cortada, se a divina Providência, para fazer visível o prodígio, não houvesse deixado assinalada na circunferência do pulso como uma linha vermelha que estava demonstrando a anterior separação. Penetrado João de reconhecimento e de devoção, passou o restante da noite em cantar os louvores do Senhor em companhia de toda a sua família.

Um milagre tão grande não podia deixar de fazer muito ruído; e, chegando à notícia do califa, quis convencer-se dele por seus mesmos olhos. Ficou igualmente assombrado que arrependido; abraçou João ternamente e, rogando-lhe que lhe perdoasse seu arrebatamento, disse-lhe que lhe pedisse tudo quanto se lhe oferecesse, prometendo-lhe com juramento que tudo lhe concederia. O santo, que desde sua meninice só suspirava ansiosamente por retirar-se à solidão, aproveitou-se de tão bela ocasião para obter esta licença. Afligiu ao príncipe a inesperada súplica e até fez quanto pôde para apartar João daquele intento; mas, como o santo o reconveio com sua palavra e com seu juramento, viu-se obrigado a dar-lhe licença para que se retirasse. Logo que se viu exonerado de seus empregos, deu liberdade a seus escravos, repartiu seus ricos bens entre os pobres, as igrejas e os parentes, despediu-se do mundo e, com um só vestido que se reservou, passou primeiro a Jerusalém e dali à laura de São Sabas, na Palestina.

Havia diferença entre laura e mosteiro. Os mosteiros eram semelhantes aos nossos, uns grandes edifícios cheios de muitas celas que ocupavam os monges; mas as lauras eram como umas pequenas povoações com casas separadas, em cada uma das quais viviam dois ou três religiosos. Logo que chegou nosso santo à laura de São Sabas, foi recebido nela sem ser conhecido e foi entregue ao governo de um monge que era dos mais anciãos e prudentes; mas, descobrindo este desde logo o grande talento e a profunda erudição daquele homem desconhecido, não quis encarregar-se da direção de um sujeito tão sobressalente. O mesmo fizeram outros muitos, e todos pelo mesmo motivo. Só se encontrou um muito ancião que, juntando uma santa simplicidade com uma grande experiência e mais que mediana sabedoria, se encarregou desta comissão; e, levando João a sua cela, deu-lhe as primeiras lições seguintes, como fundamento de todas as demais. Primeira: que nada fizesse nunca por sua própria vontade. Segunda: que oferecesse a Deus frequentemente o trabalho manual, as mortificações, o silêncio e as orações. Terceira: que desterrasse de sua imaginação todo pensamento de mundo, não se gloriando nem em seu saber, nem no sacrifício que havia feito a Deus, nem em outra coisa alguma. Quarta: que renunciasse toda vaidade, não desejando nem visões, nem revelações, nem dons extraordinários. Quinta: que desconfiasse sempre de si mesmo. Sexta: que estivesse sempre alerta contra suas próprias paixões, vivendo com recolhimento interior, sem escrever jamais a ninguém, sem falar nunca de si nem do que havia aprendido fora do mosteiro, guardando invioladamente o silêncio e advertindo

que era mau até o mesmo falar coisas boas quando não havia necessidade.

Observou o santo com a maior pontualidade todas estas lições, e são imponderáveis os maravilhosos progressos que fez no caminho da virtude. O bom velho que o governava só atendia a fazer mais e mais perfeito cada dia seu discípulo, a domar seu orgulho natural e a prostrar as forças de seu amor-próprio. Para isto mandou-lhe que fosse vender uma grande porção de cestos na mesma cidade de Damasco, onde em outro tempo se havia deixado ver de todos com tanto esplendor: assinalou-lhe o preço que havia de pedir por cada um, que era o triplo do que valiam. Partiu ao instante o santo sem a menor réplica; apresentou-se no mercado de Damasco mal vestido, com um semblante extenuado e com um ar muito simples. Não era fácil que ninguém chegasse a tomá-lo por seu antigo governador, num traje e numa mudança tão extraordinária; zombavam todos dele à vista do excessivo preço que pedia por seus cestos; tinham-no por um pobre simples e, correndo logo a voz, veio a ser o joguete da populaça, até que, tendo-o reconhecido um de seus antigos criados, comprou-lhe todos os cestos, dando-lhe quanto pedia por eles, mas sem dirigir-lhe palavra nem dar-se a conhecer a ele.

Tendo morrido um religioso que vivia junto a sua cela, deixou penetrado de vivíssima dor a outro irmão seu, monge na mesma laura. Este rogou a nosso santo que, para seu consolo, lhe compusesse alguns versos sobre a morte. Fê-lo João, movido da caridade, sem lembrar-se da ordem que tinha de não escrever; mas, chegando à notícia do velho que o governava, não quis tratá-lo mais e o expulsou de sua cela. Reconheceu o santo sua falta, chorou, gemeu; mas nem seus rogos nem suas lágrimas puderam aplacar o rígido diretor, senão com a condição de que por espaço de muitos dias havia de limpar as imundícies de dentro e de fora da laura.

Apenas ouviu o santo esta ordem, pô-la em execução com alegria e com fervor. Cativado o santo velho de tão profunda humildade e de tão rendida obediência, correu a lançar-lhe os braços ao pescoço e ele mesmo o conduziu a sua cela.

Entretanto guardava João à letra todos os conselhos que seu mestre lhe havia dado, sepultado no retiro, humilde, mortificado e recolhido, quando a santíssima Virgem apareceu em sonhos ao bom velho e lhe mandou que não detivesse estancada por mais tempo a água viva dentro de sua fonte, impedindo a seu discípulo que aproveitasse os grandes talentos com que o céu o havia enriquecido; que lhe ordenasse escrever e clamar contra os erros do tempo, defendendo com seus escritos a fé santa da Igreja. Ensinado o venerável ancião com esta visão, chamou São João e, declarando-lhe o que lhe havia sucedido, disse-lhe que já enfim havia chegado o tempo em que era razão comunicasse a todo o mundo cristão os tesouros que Deus lhe havia confiado, não detendo a corrente das águas vivas de que estavam sedentos os verdadeiros fiéis; que escrevesse contra os inimigos de Jesus Cristo e de seus santos, confundindo com a pena os novos hereges.

Recebeu João esta ordem como vinda do céu. Compôs muitas e excelentes obras cheias de erudição e de piedade: entre outras, o grande tratado sobre a veneração das imagens; muitos discursos em defesa da fé; grande número de tratadinhos de devoção, tão ternos e tão afetuosos como cheios de uma divina eloquência, sobretudo quando fala das prerrogativas e excelências da santíssima Virgem. Os admiráveis discursos que compôs sobre sua gloriosa Assunção parecem como inspirados pelo Espírito Santo e não deixam duvidar que este dirigia sua pena quando

escrevia todas as suas obras. Não será muito dizer, em honra de São João Damasceno, que a Providência divina teve cuidado de recolher os testemunhos da mais venerável antiguidade nas obras de nosso santo, para que chegasse com segurança até nossos tempos a tradição da igreja grega. Vendo Deus (quero explicar-me desta maneira) o lastimoso estado a que já haviam reduzido o Egito e a Síria as conquistas dos sarracenos, sabendo que toda a Ásia e a mesma Grécia haviam de gemer com o tempo debaixo do mesmo jugo e que muitos escritos dos padres haviam de sepultar-se nas ruínas do império do Oriente, escolheu nosso santo para que, juntando o mais precioso e o mais substancial que se encontrava neles quanto aos dogmas da fé, o transmitisse à posteridade. Também foi nosso santo o primeiro, e talvez o único dos gregos, que reduziu a método a sagrada teologia; sendo o inventor, ou pelo menos o que deu ocasião à escolástica de que usam os latinos e é de tanta utilidade na Igreja contra o artifício e sofisterias dos hereges.

Por volta dos anos de 740 foi à laura o patriarca de Jerusalém e obrigou João a que se ordenasse de presbítero; mas sobreviveu pouco a este novo estado, porque caiu gravemente enfermo e, consumido de penitências e de trabalhos, depois de haver enriquecido a Igreja com grande número de excelentes obras, cheio de merecimentos morreu no mês de maio, por volta dos anos de 770, tendo mais de oitenta de idade, e tem sido venerado desde então como um dos mais sábios e mais santos padres da Igreja.

Nota do tradutor

«É manifesta a contradição em que caiu aqui nosso autor; porque, se o santo se ordenou por volta dos anos de 740 e morreu por volta dos de 770, não sobreviveu pouco ao novo estado, pois a sobrevivência de trinta anos que se contam desde o ano de 740 até o de 770 não se pode chamar curta. A esta contradição se acrescenta outra. Diz o P. Croisset que nosso santo morreu tendo mais de oitenta anos. Esta expressão quer dizer que tinha alguns meses mais dos oitenta; mas, se o santo nasceu no ano de 676 e morreu no de 770, como o diz nosso autor, não só tinha mais de oitenta anos, mas contava noventa e quatro, pois esses vão desde 676 até 770. Portanto, parece que há equivocação nestes cômputos, menos no ano em que nasceu o Damasceno, que quase todos convêm que foi o 676; e se há de dizer que o patriarca de Jerusalém foi à laura depois do ano de 750, que obrigou São João a que recebesse a ordem de presbítero e que, tendo morrido no de 760, aos oitenta e quatro de sua idade, sobreviveu poucos anos ao estado do sacerdócio.»

Missa (oração)

A missa é do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Joannis Damasceni confessoris tui annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus actiones celebramus, etiam imitemur*

> *exempla. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade do bem-aventurado confessor São João Damasceno, concedei-nos benigno que imitemos os exemplos daquele cujas ações celebramos. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 9 do Eclesiástico.

Eclesiástico 9,3-9

> **Latim:** 3 Ne respicias mulierem multivolam, ne forte incidas in laqueos illius. 4 Cum saltatrice ne assiduus sis, nec audias illam, ne forte pereas in efficacia illius. 5 Virginem ne conspicias, ne forte scandalizeris in decore illius. 6 Ne des fornicariis animam tuam in ullo, ne perdas te et hæreditatem tuam. 7 Noli circumspicere in vicis civitatis, nec oberraveris in plateis illius. 8 Averte faciem tuam a muliere compta, et ne circumspicias speciem alienam. 9 Propter speciem mulieris multi perierunt : et ex hoc concupiscentia quasi ignis exardescit.

Português: 3 Não olhes para a mulher de muitos quereres: Para que não suceda caíres nos seus laços. 4 Não sejas freqüente em te achar com a mulher bailadeira: Nem a ouças, para que não suceda pereceres à fôrça dos seus encantos. 5 Não detenhas os teus olhos em ver a donzela, para que não suceda que a sua beleza te seja ocasião de queda. 6 Não entregues de modo algum a tua alma às mulheres prostitutas: Para que te não deites a perder a ti, e a tua herança. 7 Não lances os olhos por tôda a parte, pelas ruas da cidade, nem andes vagueando pelas suas praças. 8 Aparta os teus olhos da mulher enfeitada, e não olhes com curiosidade para a formosura alheia. 9 Por causa da formosura da mulher pereceram muitos: Porque daí é que se acende a concupiscência, como fogo.

Nota

«Diz São Jerônimo que os antigos chamavam ao livro do Eclesiástico *panaretos*, nome grego que significa toda virtude; porque nenhuma há que não se ensine neste excelente livro. É uma filosofia moral universal, que combate todos os vícios, mostra o caminho de todas as virtudes e regula os costumes de toda classe de pessoas.»

Reflexões

Oh, e quão altamente se condenam as perversas máximas do mundo por todas estas salutares advertências que nos faz aqui o Espírito Santo! A quantos e a quantas forma o processo esta só epístola! Chegou jamais a maior excesso a profanidade das mulheres? Seus adornos foram alguma vez mais enganosos e mais requintados? Já não se ocultam os laços; a arte de tentar é hoje o mais ordinário estudo das mulheres; nem serve de asilo o sagrado dos altares; tudo são perigos nestes infelizes tempos. E que precauções, que preservativos se tomam, que armas se manejam contra tantos inimigos, contra tantos artifícios, contra tantos perigos?

Mas, se os laços que se armam à inocência estão estendidos por todas as partes, não é assim que nos espetáculos se acham todos reunidos? Depois do que o Sábio nos acaba de ensinar, haverá valor para dizer que os espetáculos são inocentes e que neles não se descobre coisa má? É possível que ainda se achem cristãos que estejam persuadidos de que se pode assistir aos espetáculos sem o menor perigo? Quem não vê que já não são estes uma diversão aérea, muda e de pura ociosidade? São um conjunto enganoso de todos os objetos que podem deleitar; nenhum se apresenta que não tenda diretamente a embevecer a alma com mil doces atrativos e a encantar o coração com o mais sedutor e mais pegajoso que têm as paixões. Sem este delicioso artifício perderia o teatro tudo o que o faz agradável; quer-se que o espetáculo incite e mova: seria lânguida a cena se não irritasse alguma paixão; tudo conspira a enganar a alma e a derretê-la. Guiado o coração pelos olhos e pelo ouvido, para em tudo o que embevece; emudece a razão à vista de tantos atrativos; não se ouvem os gritos da religião com o ruído e com o estrondo de tanto embevecimento; rejeita-se tudo aquilo que não lisonjeia os sentidos. Agora pergunto: rodeada a alma de tantos objetos capazes de incitá-la, e que com efeito a incitam, será dona de conter seus desejos?

Falando com propriedade, os espetáculos profanos não são outra coisa que uma sábia escola de todas as paixões. Nela se dão com aparato e com felicidade lições públicas de galanteios, de enganos, de estratagemas, de ambição; e, como são umas lições lisonjeiras, às quais dá um maravilhoso relevo a viva ação dos atores e das atrizes, que progressos não faz uma paixão fogosa e veemente, insinuada com tanto artifício num coração já disposto a inflamar-se com uma só faísca? Tudo quanto se vê, tudo quanto se ouve, tende diretamente a lisonjear os sentidos e a sensualidade; galas, trajes, decorações, música, a reunião mesma, tudo tenta, tudo provoca; e à força de gostar do que encanta acham-se atrativos nos laços e acha-se complacência na mesma tentação.

Facilmente se habitua o coração ao que lhe agrada, por mais perigos que oculte; a doçura do veneno faz esquecer suas funestas consequências. A formosura e o artifício com que se representa no teatro tiram às paixões tudo o que têm de vergonhoso e as afeia. A puro admirá-las e aplaudi-las aprende-se a não envergonhar-se delas; lição em que têm feito demasiados progressos esses eternos defensores, admiradores e proclamadores do teatro. Sai-se dele com uma consciência mais delicada? Aprende-se nele a viver com maior circunspecção, com mais cuidadoso recato? Tiram-se dele pensamentos mais puros, modos de falar menos livres, modais mais compostos e

mais cristãos? Ao sair da comédia experimenta-se maior inclinação aos exercícios de devoção? Poder-se-á negar que a desenfreada licença do século, a lastimosa corrupção de costumes em todas as idades, o desgosto quase universal a tudo o que respira devoção, a indiferença, por não dizer o desprezo, da religião, reduzida já em muitos a meras exterioridades; poder-se-á negar, volto a dizer, que todas estas desditas sejam em grande parte fruto como natural dos espetáculos profanos? E depois de tudo isto perguntar-se-á friamente: que mal há em assistir a eles? Consultai-o com o Sábio na epístola do dia; consultai-o com o Evangelho; consultai-o finalmente convosco mesmos, se tendes algo mais que o nome de cristãos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 18 de São Mateus.

Mateus 18,8-9

> **Latim:** 8 Si autem manus tua, vel pes tuus scandalizat te, abscide eum, et projice abs te : bonum tibi est ad vitam ingredi debilem, vel claudum, quam duas manus vel duos pedes habentem mitti in ignem æternum. 9 Et si oculus tuus scandalizat te, erue eum, et projice abs te : bonum tibi est cum uno oculo in vitam intrare, quam duos oculos habentem mitti in gehennam ignis.

Português: 8 Ora se a tua mão, ou o teu pé te escandaliza: corta-o, e lança-o fóra de ti: melhor te he entrar na vida manco, ou aleijado, do que tendo duas mãos, ou dous pés, ser lançado no fogo eterno. 9 E se o teu olho te escandaliza, tira-o, e lança-o fóra de ti: melhor te he entrar na vida com hum só olho, do que tendo dous, ser lançado no fogo do inferno.

Meditação

Da ocasião próxima

Primeiro ponto

Considera o sentido e a energia das expressões de que se vale Cristo para exortar-nos a fugir das ocasiões perigosas. Que coisa mais estimada que os olhos nem mais útil que os pés e as mãos? Com tudo isso, se te são ocasião de pecado, é necessário arrancar-te os olhos e cortar-te as mãos e os pés. A razão deste preceito se faz palpável. Não vale mais entrar na vida eterna com um olho só que ser precipitado nos abismos com dois? Falemos sem figuras. Será grande consolo para um

miserável condenado lembrar-se de que, enquanto viveu, não perdeu ocasião de divertir-se; que não faltou a nenhuma daquelas concorrências onde tudo era tentação; que assistiu sem escrúpulo nem remorso a todos os espetáculos, onde tudo conspirava a excitar e até a irritar as paixões, onde tudo contribuía a acender o fogo da concupiscência? Dar-se-á os parabéns por toda a desditosa eternidade de haver sido um dos mais pontuais assistentes a todas as academias da ociosidade, a todas as tertúlias do cortejo e do galanteio; de haver lido aqueles romances, aquelas comédias, aqueles livros peçonhentos que foram talvez origem de sua eterna reprovação? A memória destas ocasiões perigosas, perniciosas e verdadeiramente pecaminosas em que se experimentaram tantas e tão lamentáveis quedas, esta memória, digo, consolará muito a uma mulher que se condenou? Aquele grande do mundo, sepultado para sempre nas chamas eternas, indenizará àquelas tristes vítimas da cólera de todo um Deus, indenizá-las-á, digo, da perda que têm experimentado perdendo o mesmo Deus por comprazer-lhe? Pelo contrário, os bem-aventurados no céu terão grande sentimento de haver-se privado das diversões perigosas; daqueles jogos públicos que se proibiram para sempre; daquelas conversações demasiadamente livres que olharam sempre com santo horror; daqueles espetáculos profanos, escolho fatal e quase necessário da inocência? Estarão arrependidos de haver passado seus dias numa vida retirada e solitária antes que expor-se a ocasiões de cair e de precipitar-se? Causar-lhes-á muita dor o haver-se negado a todas as festas mundanas só para pôr a coberto sua virtude? Quantos há presentemente no céu que se regozijam de havê-lo feito assim, que saltam de alegria por haver lançado ao mar (quero explicar-me desta maneira) tudo o mais precioso, o mais tentador que possuíam, precisamente porque sua carga podia ser ocasião de um miserável naufrágio! Aquela donzela jovem que agora está no céu e passou a vida coberta com um pobre véu, encerrada num estreito claustro, invejará muito a sorte de sua irmã, que se precipitou no inferno por haver-se exposto em meio do grande mundo a todas as ocasiões de pecado? Meu Deus! Por que não se pensará, por que não se discorrerá agora sobre as ocasiões de pecar como se há de discorrer e de pensar na ditosa estância da glória?

Segundo ponto

Considera que, ainda que o demônio é na verdade um inimigo formidável, não o é tanto como nós imaginamos. Só pode atacar as fortificações exteriores da praça; mas o coração é um santuário aonde não pode penetrar se nós mesmos não lhe abrimos a porta. É um leão que ruge, mas é um leão de corrente ou de jaula; pode rugir, mas não pode morder, e muito menos despedaçar, senão os que voluntariamente se aproximam dele. É o demônio um inimigo invisível, e as tentações mais perigosas nos vêm comumente daqueles inimigos que se veem e que se apalpam. Nós mesmos lhe pomos nas mãos as armas de que se vale contra nós. Deve sua força a nossa covardia, a nossa fraqueza ou, por melhor dizer, a nossa temeridade e à ligeireza e facilidade com que nos metemos nas mais perigosas ocasiões. Sejamos nós menos presunçosos e seremos mais fortes, e ele será mais fraco; poucas vantagens conseguirá se nós não lhas facilitamos metendo-nos cegamente nos perigos. É nosso coração como uma praça sitiada pelo demônio; mas não a pode tomar tanto por força como por surpresa ou pela inteligência secreta que mantém com os sentidos e com as paixões. Sempre procura ganhá-las pela cobiça de algum interesse, pelo atrativo de algum deleite ou pelo brilho aparente de alguma honra; mas estes objetos têm pouca força quando estão distantes; a ocasião os aproxima. Fujamos das ocasiões, e aquela formosura fará pouca impressão

em nós; fujamos delas, e aqueles respeitos humanos terão menos força para fazer-nos transpassar a lei; fujamos delas, e não combaterão nossa fidelidade mil objetos que não tentam, mil pretextos que nos alucinam, mil razões frívolas que debilitam nossas melhores resoluções. Por isso São Paulo chama emissário do demônio ao estímulo da carne. Se consegue alguma vantagem, sempre é pelo engano, pela negociação e pelo artifício; estejamos sempre sobre as armas, e será certa a vitória com o auxílio da graça. Vamos nós meter-nos com os olhos abertos em seus laços, enredemo-nos estouvadamente em suas redes, e dizemos depois: Tentou-me o inimigo. Por que há de lançar a culpa de sua queda ao demônio aquele jovem estouvado que vai meter-se nas ocasiões mais perigosas com o outro sexo; aquela mulher que tem tão frequentes e tão longas conversações com o outro jovem; aqueles homens do mundo tão pontuais em assistir a essas concorrências brilhantes em que a vaidade desdobra com pompa todos os seus enganosos atrativos, em que a arte de tentar e de agradar costuma sair sempre vitoriosa e em que, acesas as paixões por tantas partes, fazem tão lastimosas conquistas? Hoje em dia pouco tem que trabalhar o tentador com respeito à maior parte dos homens. As ocasiões mais arriscadas a que se entregam com impetuosidade, com furor, quase por profissão e com a maior desvergonha deixam pouco que fazer ao inimigo da salvação.

Ah, Senhor, demasiada experiência tenho disto! Mas já que por vossa misericórdia me haveis descoberto o perigo, espero me concedais a graça que vos peço, de fugir com tanto horror de todas as ocasiões de pecado que a atenção e a vigilância em evitá-las sejam a prova mais segura de minha fidelidade e o efeito da resolução que desde logo formo com vossa divina graça.

Jaculatórias

> *Non sedi cum concilio vanitatis, et cum iniqua gerentibus non introibo.* Sl 25.

Não, Senhor, não mais assistência aos concursos da profanidade, não mais intimidade nem conversação com gente perdida.

> *Iniquos odio habui, et legem tuam dilexi.* Sl 118.

Serão inimigos meus todos os que o forem vossos. Amarei vossa santa lei e só terei amizade com os que a amarem.

Propósitos

1. *Foge do pecado como da serpente,* diz o Eclesiástico, *porque, se te aproximas dele, te agarrará.* Só pode reconhecer-se o horror que se tem ao pecado pelo horror que se tem às ocasiões de pecar. A fuga delas conserva a alma inocente. Se Davi as houvesse fugido, não teria cometido um adultério nem se teria precipitado em tantas desordens. Não te fies de teu fervor nem de teus propósitos; desconfia sempre de teu próprio coração. É presunção expor-se voluntariamente aos perigos, e esta orgulhosa presunção foi causa de mil funestas quedas em muitos heróis cristãos. Sabes por que os mais virtuosos, os mais generosos, os mais prudentes foram sepultar-se vivos nos desertos? Por pôr a coberto sua virtude. Por mais virtuoso, por mais mortificado que sejas, crê-me, foge das ocasiões de pecar. Ainda que tenhas encanecido na mais rigorosa penitência; ainda que quase estejas já com um pé na sepultura; horroriza-te à vista da ocasião e busca na fuga tua segurança. Fugir das ocasiões de pecar é cordura, é virtude, é verdadeira magnanimidade: nunca esqueças esta doutrina.

2. É muito astuto o inimigo da salvação. Não lhe sobra outra coisa que razões, que motivos especiosos, que frívolos pretextos para induzir a alma a que se meta nos perigos. Umas vezes a urbanidade, o não dar que dizer; outras, uma aparência de caridade se te apresentará como legítimo motivo para fazer uma visita que te põe em perigo. Talvez com o pretexto de necessidade, e até também de devoção, irás meter-te no laço; foge, foge apressadamente destas tentações. Tens em tua casa algum criado ou criada que te tenta? Despede-o com resolução e sem misericórdia. Proíbe-te toda comunicação muito frequente e demasiadamente longa, ainda que seja a mais espiritual, com pessoas de diferente sexo. É absolutamente necessário o recato da vista para conservar a inocência. *Fiz pacto,* diz Jó, *com meus olhos para que nem sequer pensasse na donzela;* de outra maneira, que união podia ter com Deus nem que parte me podia dar em sua herança o Todo-poderoso? Observa sempre isto.

A Aparição de Santiago Apóstolo

O apóstolo Santiago, que recebeu de Jesus Cristo a comissão de pregar aos espanhóis o Evangelho, segundo entende São Tomás de Vilanova o cumprimento da petição feita ao Filho de Deus pela mãe dos Zebedeus, depois que com sumos trabalhos e penosas peregrinações pôs em execução a vontade de seu Mestre, vindo pregar a esta região ditosa, não tem esquecido jamais desde o céu o promover com sua poderosa intercessão suas felicidades, procurando-as muitas vezes com repetidos milagres. A igreja da Espanha, justamente agradecida a tão benéfico patrono e pai de sua fé, celebra com solenes festividades os principais favores que tem recebido de sua mão. Um deles, e o mais considerável depois do primitivo de sua pregação, é a aparição portentosa deste santo apóstolo, com que livrou a Espanha da maior ignomínia, peleando em suas batalhas e capitaneando seus esquadrões para dar-lhe uma vitória inteiramente milagrosa e fora de suas esperanças. A autoridade de nossa Igreja, que celebra esta festividade, e os multiplicados escritos de varões sábios que referem esta aparição fazem cessar as dúvidas que a curiosa erudição de alguns modernos tem espalhado sobre este fato piedoso, que, deduzido de nossos historiadores, é como se segue.

No tempo do covarde e lúbrico Mauregato chegou a Espanha a um estado de infelicidade e de impotência igual ao de soberba e de poder a que havia subido a dominação dos sarracenos. Estragados com a ociosidade e com os vícios os costumes dos cristãos, haviam-se esquecido daquele antigo valor nas armas que tinha dado que entender por espaço de mais de dois séculos à rainha das nações e que mais posteriormente, sob a guia de um Pelágio, tinha mantido a raia a pujança e ousadia dos mouros. Conhecendo estes depois a debilidade dos príncipes espanhóis, levaram sua insolência até o excesso de pedir-lhes um tributo tão iníquo como vergonhoso. Consistia este em pagar anualmente cem donzelas casadouras, que se sorteavam entre as mais nobres e formosas, para servir à incontinência dos bárbaros. Os espanhóis viviam por esta causa numa contínua amargura. Criavam suas filhas com cuidado e regalo; mas, considerando ao mesmo tempo que havia de vir um dia em que as apartassem de seu seio para pô-las como inocentes cordeiros nas garras de lobos carniceiros, seu coração se enchia de mortais angústias; a dor, as lágrimas e suspiros das piedosas mães ao ver tão precioso fruto de suas entranhas prostituído à bárbara carnalidade dos inimigos de Jesus Cristo subiam de todo ponto, considerando por outra parte a covardia e abatimento em que estava submergida a Espanha. As inocentes donzelas viam-se obrigadas a deixar o amado seio de seus pais, seus parentes, suas amigas, a terra amada em que haviam sido criadas, e a afastar-se da sacrossanta religião em que haviam sido educadas, para viver com uma gente bárbara e feroz, embrutecida com os excessos da carnalidade e cega com as trevas de uma brutal superstição. Nem as sentidas lágrimas que corriam por seus formosos rostos, nem os gritos que enviavam ao céu, levantando a ele as mãos e implorando sua piedade, nem o arrancar seus cabelos, nem o encher o ar de lastimosos suspiros eram parte para que se deixasse de cumprir o iníquo pacto que as adjudicava aos sarracenos por tributo.

Tanta calamidade, tão vergonhosa miséria não havia esperança de que cessasse em nossa Espanha sem um especial patrocínio do céu; porque as forças excessivamente inferiores às dos bárbaros, a covardia que se havia apoderado dos corações viciosos e o hábito que haviam contraído os espanhóis com a infâmia fechavam as portas a todo humano socorro. Quis finalmente o céu pôr termo a tanta desventura, infundindo no coração de Ramiro, príncipe glorioso que mandava então aos espanhóis, o generoso pensamento de tirar de seu povo este escândalo afrontoso. Era o rei dos mouros então Abderramão II, homem soberbo e feroz que, com a prosperidade das vitórias que havia conseguido contra seu tio no princípio de seu reinado, se havia feito muito mais poderoso e insolente. Desejava com ânsia mover guerra contra os cristãos, para o que buscava algum pretexto especioso. Havia havido alguma interrupção no pagamento do iníquo tributo, fosse por retardá-lo os espanhóis, fosse porque os mouros, detidos em outras guerras, não estavam em disposição de fazê-lo pagar com as armas. Enviou, pois, embaixadores a Ramiro, exigindo orgulhosamente as cem donzelas e acompanhando esta exação com terríveis ameaças. Bem conheceu o prudente rei que este era um meio de declarar-lhe a guerra; e, como seu poder era tão inferior, não deixou de turbar-se e conceber algum temor; mas, governando seu coração a honra e a piedade e muito mais fortalecendo-o os influxos celestiais, determinou passar primeiro por todos os contratempos e reveses da fortuna que consentir na execução de tão torpe infâmia. Despediu os embaixadores com inteireza e severidade, assegurando-lhes que somente o direito das gentes lhes podia livrar do justo castigo que merecia sua torpe comissão. Logo que partiram os embaixadores, Ramiro chamou a conselho seus grandes para deliberar sobre os meios da guerra, que já olhavam como declarada. O zelo da honra e da religião acendeu os corações de todos, de modo que a tiveram por justa e prometeram empregar nela não somente suas fazendas, mas seu

sangue e suas vidas.

Estabelecido isto, fizeram levas em todo o reino para juntar um exército respeitável, forçando a alistar-se e tomar as armas a todos aqueles que eram capazes de manejá-las, reservando prudentemente os braços necessários para o cultivo dos campos, de onde lhe havia de vir a principal força ao exército. Sabia muito bem o prudente príncipe que não consiste a força de um exército no numeroso, mas no bem disciplinado e bem mantido; portanto, suas providências dirigiam-se a precaver os desastres da fome ainda mais que os da guerra. Tendo-se juntado um exército o mais crescido que se pôde naquelas circunstâncias, saíram contra os mouros, acompanhando as bandeiras os sacerdotes, bispos, grandes e próceres do reino e toda pessoa respeitável. Não obstante que iam pelejar por uma causa tão justa, como conheciam o grande poder do inimigo, seu orgulho e soberba, iam sumamente receosos de poder alcançar a vitória. Encomendaram muito a Deus a expedição; armaram-se com o sinal santo da cruz; e, para dar a entender ao inimigo que estava longe deles o temor, romperam por suas terras fazendo correrias e talas, particularmente em La Rioja, que então pertencia aos sarracenos. O rei destes, Abderramão, não se descuidava por sua parte em recrutar gente de seus estados, prover-lhe de armas e cavalos e fazê-la exercitar nos movimentos da guerra. Fez além disto que lhe viessem gentes da África, grande quantidade de provisões e quanto julgou necessário para deixar-se cair como um raio sobre os cristãos e fazer-lhes pagar o infame tributo. Caminharam os dois exércitos buscando-se um ao outro com desejos de encontrar-se e com os receios que produz o saber que as contingências da guerra são várias e a fortuna caprichosa. Perto de Albelda, fortaleza respeitável naquele tempo e conhecida depois pelo mosteiro de São Martinho que edificou naquele povoado dom Sancho, rei de Navarra, chegaram a avistar-se os dois campos de cristãos e de mouros.

A pressa com que se havia juntado nosso exército não permitia que seus soldados fossem muito destros na arte de pelejar; pelo contrário, os inimigos traziam soldados veteranos, ensinados com a experiência e exercício, o que, junto com a superioridade do número, lhes dava muita vantagem. Contudo, deu-se a batalha com encarniçamento e com o maior ardimento nas comarcas de Albelda, batalha das mais sangrentas e memoráveis que se deram naquele tempo. Pelejavam por uma e outra parte os soldados como raivosos leões; nossos capitães acudiam a todas as partes, acendendo e animando nossos soldados mais poderosamente com o exemplo que com as palavras; mas a vitória permanecia indecisa. Já chegava a noite sem desistir da peleja e da matança; mas, como os soldados dos mouros eram tantos em número e se sucediam uns a outros, entravam de refresco na peleja e chegaram a debilitar nosso exército de maneira que somente o fechar da noite com grande escuridão pôde tirar aos mouros uma completa vitória. Esta noite foi o remédio dos cristãos, assim como acontece que de pequenas casualidades costuma muitas vezes tomar ocasião a fortuna para manifestar maravilhosos acontecimentos na guerra. O rei Ramiro, vendo suas gentes sumamente destroçadas e desfalecidas pelo trabalho e cansaço do dia, retirou-se a um monte vizinho, onde se entrincheirou o melhor que pôde para guardar-se de qualquer insulto do inimigo. Esta ação, ainda que não deixou de ser de soldado prudente e experimentado, era indício de que se reconhecia algum tanto por vencido. Naquela noite fez curar os feridos e, ainda que os sucessos do dia lhes haviam feito perder toda esperança de felicidade, dirigiam todos a Deus seus votos com grande cópia de lágrimas, esperando em sua divina misericórdia que não permitiria que o povo cristão fosse presa de seus inimigos. O rei, cheio de amargura e de dor, enviava seus suspiros ao céu implorando sua piedade e solicitando que aplacasse seus enojos.

Quebrantado de sua mesma tristeza, adormeceu e, entre sonhos, viu o apóstolo Santiago, que com grande majestade e grandeza confortava seu coração, exortando-o a que desse a batalha, com a certeza de que conseguiria a vitória. Com um anúncio tão feliz despertou o rei sumamente regozijado e, mandando juntar imediatamente os prelados e os grandes, fez-lhes um discurso cheio de confiança e animosidade nestes termos:

«Todos quantos estais presentes, ó esforçados varões, sabeis tão bem como eu a triste situação em que nos achamos: a batalha de ontem foi para nós mais adversa que favorável, e teríamos sido vencidos se a nossa debilidade e curto número não houvesse favorecido a noite. Grande parte de nossos bravos soldados jazem mortos naquela campanha. Sabeis quão considerável é a dos feridos e que o temor de sorte mais funesta tem os demais amedrontados. Os inimigos, que por seu número nos eram superiores, cobraram novas forças com nosso destroço e com os benefícios que lograram ontem da fortuna. A honra e a religião nos juntaram neste sítio: fugir é coisa vergonhosa; permanecer entrincheirados sem esperança de socorro é coisa imprudente; e assim não nos resta outro meio que voltar à peleja e verter, se for mister, nosso sangue em defesa da pátria, da honra e da religião. Alargai vossos corações e confiai em que, quanto nos falta de forças naturais e de socorro humano, outro tanto suprirá o céu com seus benefícios. Avivai a fé em vossas almas e não creiais que é superstição o que ides ouvir. Sabei que esta noite me apareceu em sonhos o apóstolo Santiago e me certificou da vitória contra nossos inimigos. Fixai, pois, uma santa confiança em vossos corações, que, ainda que a fácil credulidade, apoiada em ligeiros motivos, é criminosa, é maior delito ainda a falta de fé quando o céu a atesta com suas maravilhas em tão críticas circunstâncias. Eia, pois, amigos, lançai todo temor de vossos peitos: por não pagar um infame tributo julgastes devido derramar vosso sangue; agora já não há meio: ou ficar escravos e cativos dos mouros, ou vencê-los em batalha, abatendo seu orgulho, defendendo nossa liberdade, resgatando a honra de nossas filhas e pondo a salvo os augustos mistérios da santa religião que professamos.» Pronunciado este discurso, que fez nos soldados e grandes todo o efeito que desejava, e refrescadas suas tropas, mandou ordenar os esquadrões e dar o sinal de peleja. Nossos soldados, como se fossem bravos leões, acometeram os inimigos, apelidando a grandes vozes a Santiago; de onde tem sua origem o costume de dizer os espanhóis ao tempo de acometer: «Santiago, e fecha, Espanha!» Surpreenderam-se os sarracenos ao ver o ímpeto e valor com que lhes acometiam uns inimigos a quem davam por vencidos; e cresceu mais sua confusão com os favores que nos vieram do céu.

Santiago, cumprindo a palavra que havia dado ao rei entre sonhos de auxiliar suas tropas, deixou-se ver no ar cercado de uma luz resplandecente que deslumbrava e produzia contrários efeitos: nos cristãos, valor, alegria e confiança; e nos mouros, tristeza, terror e espanto. Vinha o santo apóstolo montado num cavalo mais branco que a neve; numa mão trazia um estandarte com o sinal da cruz e na outra uma fulminante espada que parecia um raio segundo a velocidade com que a esgrimia. Pôs-se à frente de nossas tropas e com sua vista cresceu nelas o denodo e a confiança; e das sarracenas apoderou-se tal terror que se puseram em precipitada fuga. Seguiram os nossos o alcance e nele mataram sessenta mil mouros, apoderando-se depois de muitos lugares e terras que estavam em seu poder, entre eles Albelda e Calahorra. Conseguiu-se esta milagrosa e memorável vitória no ano do Senhor 844, segundo do reinado de Ramiro. Deram graças a Deus por uma ação tão gloriosa que tirou da Espanha um tributo tão infame e abateu por então o orgulho do

mais poderoso rei dos sarracenos. Diz-se que em agradecimento deste grande benefício fez o rei, juntamente com os grandes e prelados, um solene voto ao apóstolo Santiago, obrigando todas as províncias da Espanha a pagar anualmente a sua igreja certa quantidade de trigo; o qual voto aparece depois confirmado com bulas pontifícias e é pago por algumas províncias. Com os despojos desta vitória, que foram riquíssimos, fez Ramiro construir perto de Oviedo uma igreja magnífica, dedicando-a à Mãe de Deus; e outra não longe dali, com a invocação de São Miguel. Agradecida a igreja da Espanha a tão singular benefício, celebra neste dia esta portentosa aparição, reconhecendo nela a Santiago não somente por pai de sua fé, mas também por seu patrono.

Martirológio Romano

Em Langres, na França, o martírio de São Desidério, bispo, o qual, vendo os males que o exército dos vândalos fazia sofrer a seu povo, foi buscar seu rei para tratar de amansá-lo; mas este bárbaro mandou imediatamente que o degolassem, e o santo pastor apresentou gostoso sua cabeça pelo rebanho que lhe havia sido confiado: deste modo, tendo morrido à espada, entrou no gozo do Senhor. Muitos de seus diocesanos foram também martirizados e enterrados com ele na mesma cidade.

Na Espanha, os santos mártires Epitácio, bispo, e Basileu.

Na África, os santos mártires Quinciano, Lúcio e Juliano, os quais, tendo padecido a morte na perseguição dos vândalos, mereceram a coroa eterna.

Na Capadócia, a comemoração dos santos mártires que morreram na perseguição de Maximiano Galério, tendo-lhes quebrado as pernas.

Na Mesopotâmia, a comemoração de outros muitos santos que, na mesma perseguição, tendo-os pendurado de cabeça para baixo, sufocado com a fumaça e queimado a fogo lento, consumaram seu martírio.

Na diocese de Lião, São Desidério, bispo de Viena, o qual, tendo sido apedrejado por ordem do rei Teodorico, obteve a coroa do martírio.

Em Sinada, na Frígia, São Miguel, bispo.

No mesmo dia, São Mercurial, bispo.

Em Nápoles, São Eufébio, bispo.

Em Norcia, os santos Eutíquio e Florêncio, monges, de quem faz menção o papa São Gregório.

Missa (oração)

A missa é própria da festividade, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui Hispaniarum gentem beato Jacobo Apostolo tuo protegendam misericorditer tribuisti, et per eum ab imminenti exitio mirabiliter liberasti; concede, quæsumus, ut eodem protegente, pace perfruamur æterna. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que encarregastes misericordiosamente as gentes espanholas à proteção de vosso bem-aventurado apóstolo Santiago e que as livrastes por ele da ruína que as ameaçava, concedei-nos que, com a proteção do mesmo santo Apóstolo, cheguemos a gozar da paz eterna. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do segundo livro dos Macabeus, capítulo 15.

2 Macabeus 15,7-27

> **Latim:** 7 Machabæus autem semper confidebat cum omni spe auxilium sibi a Deo affuturum : 8 et hortabatur suos ne formidarent ad adventum nationum, sed in mente haberent adjutoria sibi facta de cælo, et nunc sperarent ab Omnipotente sibi affuturam victoriam. 9 Et allocutus eos de lege et prophetis, admonens etiam certamina quæ fecerant prius, promptiores constituit eos : 10 et ita animis eorum erectis simul ostendebat gentium fallaciam, et juramentorum prævaricationem. 11 Singulos autem illorum armavit, non clypei et hastæ munitione, sed sermonibus optimis et exhortationibus, exposito digno fide somnio, per quod universos lætificavit. 12 Erat autem hujuscemodi visus : Oniam, qui fuerat summus sacerdos, virum bonum et benignum, verecundum visu, modestum moribus, et eloquio decorum, et qui a puero in virtutibus exercitatus sit, manus protendentem orare pro omni populo Judæorum. 13 Post hoc apparuisse et alium virum ætate et gloria mirabilem, et magni decoris habitudine circa illum. 14 Respondentem vero Oniam dixisse : Hic est fratrum amator, et populi Israël : hic est qui multum orat pro populo et universa sancta civitate, Jeremias propheta Dei. 15 Extendisse autem Jeremiam dextram, et dedisse Judæ gladium aureum, dicentem : 16 Accipe sanctum gladium munus a

> Deo, in quo dejicies adversarios populi mei Israël. [17] Exhortati itaque Judæ sermonibus bonis valde, de quibus extolli posset impetus, et animi juvenum confortari, statuerunt dimicare et confligere fortiter : ut virtus de negotiis judicaret, eo quod civitas sancta et templum periclitarentur. [18] Erat enim pro uxoribus et filiis, itemque pro fratribus et cognatis, minor sollicitudo : maximus vero et primus pro sanctitate timor erat templi. [19] Sed et eos qui in civitate erant, non minima sollicitudo habebat pro his qui congressuri erant. [20] Et cum jam omnes sperarent judicium futurum, hostesque adessent atque exercitus esset ordinatus, bestiæ equitesque opportuno in loco compositi, [21] considerans Machabæus adventum multitudinis, et apparatum varium armorum, et ferocitatem bestiarum, extendens manus in cælum, prodigia facientem Dominum invocavit, qui non secundum armorum potentiam, sed prout ipsi placet, dat dignis victoriam. [22] Dixit autem invocans hoc modo : Tu Domine, qui misisti angelum tuum sub Ezechia rege Juda, et interfecisti de castris Sennacherib centum octoginta quinque millia : [23] et nunc, dominator cælorum, mitte angelum tuum bonum ante nos in timore et tremore magnitudinis brachii tui, [24] ut metuant qui cum blasphemia veniunt adversus sanctum populum tuum. Et hic quidem ita peroravit. [25] Nicanor autem et qui cum ipso erant, cum tubis et canticis admovebant. [26] Judas vero et qui cum eo erant, invocato Deo, per orationes congressi sunt : [27] manu quidem pugnantes, sed Dominum cordibus orantes, prostraverunt non minus triginta quinque millia, præsentia Dei magnifice delectati.

Português: [7] Porém Macabeu esperava sempre com toda a confiança que Deus lhe havia de assistir com o seu auxílio: [8] E exortava os seus a que não tivessem medo ao chegar destas nações, mas repassassem com a memória as ajudas que tinham recebido do céu, e esperassem agora que o Todo-Poderoso lhes daria vitória. [9] Tendo-lhes também dado suas instruções tiradas da lei e dos profetas, e trazido à memória os combates que tinham sustentado, êle lhes infundiu novos alentos: [10] E depois de lhes ter levantado assim os espíritos, lhes representou Judas ao mesmo tempo a perfídia das nações e a violação dos seus juramentos. [11] Êle pois armou a cada um deles não tanto com a prevenção de escudos, e lanças, como com palavras e exortações excelentíssimas, referindo-lhes uma visão digna de fé que êle tinha tido em sonhos, com a qual encheu a todos de alegria. [12] A visão pois que teve foi desta maneira: Parecia-lhe que Onias, sumo sacerdote, que havia sido homem de bem e afável, recatado no olhar, comedido nos costumes, e prazenteiro nos seus discursos, e que desde menino se tinha exercitado nas virtudes, estendendo as mãos orava por todo o povo dos judeus: [13] Que depois disto lhe aparecera também outro varão, admirável pela sua idade, e glorioso esplendor, e cercado de grande formosura: [14] E que Onias apontando para êle, dissera: Êste é o amador de seus irmãos, e do povo de Israel, êste é Jeremias, profeta de Deus, que ora muito pelo povo, e por tôda a santa cidade. [15] Que ao mesmo estendera Jeremias a mão, e dera a Judas uma espada de ouro, dizendo-lhe: [16] Toma esta santa espada como um presente que Deus te faz, com a qual tu deitarás por terra os inimigos do meu povo de Israel. [17] Excitados pois com estas tão excelentes exortações de Judas, capazes de poderem dar brios, e fortalecer os ânimos dos mancebos, resolveram atacar e combater vigorosamente os inimigos: Para que o

esforço com que os rebatessem, fôsse a decisão desta guerra, porque a cidade santa, e o templo estavam expostos a um grande perigo. [18] Porquanto a êles não se lhes dava tanto de suas mulheres, e filhos, como também de seus irmãos, e parentes: Porém o maior, e o primeiro temor que tinham era pela santidade do templo: [19] E também dos que estavam na cidade, se apoderava um não muito pequeno sobressalto, por causa dos que haviam de combater. [20] E quando já todos esperavam a futura decisão do combate, e estando à vista os inimigos, e o exército formado em batalha, os elefantes, e a cavalaria disposta no seu competente lugar. [21] Considerando Macabeu aquela multidão de gentes que vinha sobre êles, e aquêle aparato de armas tão diversas, e a ferocidade daquelas alimárias, entendendo as mãos ao céu, invocou o Senhor, que faz prodígios, que não atendendo ao poder das armas, porém como a êle muito lhe apraz, dá a vitória aos que são dignos dela. [22] Invocando-o pois disse desta maneira: Tu, ó Senhor, que mandaste o teu anjo em tempo de Ezequias, rei de Judá, e que mataste cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaquerib: [23] Manda também agora adiante de nós, ó Senhor dos céus, o teu bom anjo, que inspire temor, e tremor da grandeza do poder de teu braço, [24] para que aquêles, que blasfemando o teu nome, vêm atacar o teu santo povo, tenham medo. E assim é que êle na verdade acabou a sua oração. [25] Entretanto Nicanor, e o seu exército se vinham chegando para o combate ao som das trombetas, e com alaridos. [26] Judas porém, e os que vinham com êle, invocando a Deus, com as suas orações deram sôbre os inimigos: [27] Pelejando sim com as armas na mão, porém encomendando-se ao Senhor no fundo de seus corações, mataram não menos que trinta e cinco mil homens, sentindo-se cheios de uma grande alegria pela presença de Deus.

Reflexões

Em todos os tempos tem sido Deus o mesmo para com aqueles que o servem com coração puro e amor verdadeiro; em todos os tempos tem manifestado a grandeza de seu poder em favor daquelas gentes que põem nele sua confiança. O fato de Judas Macabeu, que refere a epístola de que usa a Igreja na festividade deste dia, é tão semelhante à aparição que celebra a igreja da Espanha que mais parece identidade que semelhança. Nada há neste mundo que possa resistir à força do poder divino; mas este não se manifesta senão quando uma fé viva e uma firme esperança na divina misericórdia são a alma de nossas súplicas. Eis aqui a origem da ineficácia de nossas orações e de que nos apartemos dos sagrados altares com o desconsolo de não haver conseguido o que solicitamos. Nos grandes conflitos, nas necessidades que nos oprimem, nas enfermidades, no perigo de perder a fazenda, a honra ou a vida, nada há mais frequente que acudirem os fiéis com votos e promessas a implorar a proteção do céu, pondo por intercessores aqueles santos de quem são devotos. Mas também é verdade que nada há mais frequente que ver frustradas semelhantes diligências; por quê? Porque não pedimos com fé viva, porque nosso coração está manchado com os vícios.

Homem submergido nos delitos, que vais implorar a intercessão de um santo, vendo-te carregado de obscenidade, de avareza e talvez do sangue de teu próximo, como pretendes que um justo, a quem desagradam todas essas maldades, se declare em teu favor, queira ser amigo teu e tomar a seu cargo tua proteção e defesa diante de um Deus que, ainda que é pai de misericórdia, é

também Deus de justiça e de vingança? Mulher profana, que fazes de teu corpo a pedra de escândalo em que tropeçam as almas redimidas com o sangue do Crucificado; que empregas em teu adorno todos os laços que pudesse imaginar o comum inimigo contra a inocência; que descuidas o governo de tua casa e a educação de tua família por frequentar os espetáculos e concorrências perigosas, com que temeridade pretendes que os santos te favoreçam e que a mesma Mãe de Deus preste seus ouvidos a tuas súplicas? Não temes que seus olhos se horrorizem de tua profanidade e de teus costumes? Desenganemo-nos: o pretender que nosso Deus se manifeste conosco benéfico e misericordioso, quando somos com ele desconhecidos e ingratos e nossa vida é um testemunho do desprezo com que olhamos seu poder e seus preceitos, é uma louca presunção, é uma loucura néscia, é uma temeridade insuportável. Reformem-se primeiramente os costumes; chegue-se às aras do Altíssimo com lágrimas de verdadeira compunção; preceda a nossas orações a observância pontual dos divinos preceitos; e então se verá que nossas novenas são frutuosas, nossas orações eficazes, e nos retiraremos do santuário cheios de consolação com os favores do céu. Assim o experimentou o povo de Israel quando o ameaçava uma total ruína pelo número e superiores forças de seus inimigos; e assim o experimentou também a Espanha em tempos mais felizes, quando ao valor do coração e à força das armas acompanhavam a pureza dos costumes, uma fé viva e uma esperança firme na divina misericórdia. Deus é imutável, sua lei é a mesma; as efusões de sua bondade estão sempre prontas; nada há que possa retardar o alívio de nossas misérias senão nós mesmos. Sejamos, pois, o que devemos ser e não duvidemos de que os santos serão nossos protetores; se for mister, repetirá o céu seus milagres para livrar-nos das enfermidades, das calúnias, da desonra, numa palavra, de todos os nossos trabalhos e de todos os nossos inimigos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 6.

Mateus 20,20-23

> **Latim:** 20 Tunc accessit ad eum mater filiorum Zebedæi cum filiis suis, adorans et petens aliquid ab eo. 21 Qui dixit ei : Quid vis ? Ait illi : Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram in regno tuo. 22 Respondens autem Jesus, dixit : Nescitis quid petatis. Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum ? Dicunt ei : Possumus. 23 Ait illis : Calicem quidem meum bibetis : sedere autem ad dexteram meam vel sinistram non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.

Português: 20 Então se chegou a elle a mãe dos filhos de Zebedeo com seus filhos, adorando-o, e pedindo-lhe alguma cousa. 21 Elle lhe disse: Que queres? Respondeu ella: Dize que estes meus dous filhos se assentem no teu reino, hum á tua direita, e outro á tua esquerda. 22 E respondendo

Jesus, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o calis, que eu hei de beber? Disserão-lhe elles: Podemos. [23] Elle lhes disse: He verdade que vós haveis de beber o meu calis: mas pelo que toca a terdes assento á minha mão direita, ou á esquerda, não me pertence a mim o dar-vo-lo, mas isso he para aquelles, para quem está preparado por meu Pai.

Meditação

Sobre a ingratidão

Primeiro ponto

Considera que entre os vícios humanos apenas há algum que nos aparte tanto de Deus como a ingratidão que manifestamos aos benefícios que nos faz sua divina bondade, já imediatamente por si mesmo, já por meio de seus eleitos.

O grande padre Santo Agostinho [^2] assegura que este vício é a raiz de todos os males espirituais e um vento abrasador que resseca todo bem e fecha aos homens a fonte da divina misericórdia. Dito isto, apenas há que acrescentar uma palavra a uma sentença tão terrível de um padre da Igreja. Dela se infere quanto nos aparta a ingratidão de nosso Deus e Senhor, quando nos fecha a fonte das divinas piedades. Mas isto é um justo castigo do coração ingrato. O esquecer os benefícios de Deus, o negá-los ou não dar continuamente as graças devidas por eles denota em nossa alma desamor a nosso Criador e que fazemos pouco caso de seus castigos ou de suas misericórdias. O coração humano é de tal natureza que dificilmente pode dissimular seus verdadeiros afetos. Trata com complacência as coisas pertencentes àquelas pessoas que ama, deleita-se com sua memória e acha muito gosto em falar de suas graças em todas as conversações. Pelo contrário, odiamos o nome e a memória daqueles que aborrecemos e encontraríamos satisfação em que se apagasse do mundo quanto os torna recomendáveis. Assim como o amor produz amor, da mesma maneira o desprezo e o ódio produz aviltamentos e horror: por conseguinte, sendo desconhecidos para com nosso Deus, fazemos que este Senhor o seja conosco e violentamos em certa maneira sua bondade para que nos aborreça. A isto se acrescenta que com nossas ingratidões frustramos os intentos de Deus quando nos favorece com benefícios; porque, não podendo ser aqueles outros que provocar-nos a tributar-lhe louvores, posto que nem necessita de nossos bens nem pode ter temor de necessitá-los no porvir, é evidente que só pretende nosso bem e santificação e que exaltemos sua glória.

Não é só o ódio de Deus o que forma a justa pena de nossa ingratidão, mas que por ela, em algum modo, se nos fecha a porta para poder sair de nossa miséria. Pela ingratidão nos constituímos indignos de que Deus continue conosco suas acostumadas graças e, por conseguinte, de que percamos o único apoio que tem nossa miséria para levantar-se do lodo de seus deslizes. Porque como é crível que empregue Deus seus benefícios naquele que os despreza e abusa deles para voltar-se contra o mesmo Deus? Seremos porventura tão insensatos que queiramos fazer a este

Senhor de pior condição que a qualquer homem? Não vemos a estes queixar-se sumamente da ingratidão e deixar de continuar seus benefícios àquelas pessoas em quem não encontram correspondência? Pois que muito que nosso Deus tenha conosco a mesma conduta, sendo tão superiores as razões que nos obrigam a ser-lhe agradecidos? Que muito que nos trate com desprezo e nos abandone como ingratos? E considerado tudo isto, dize, homem cristão, em que podes colocar tuas esperanças? Que recursos te restam para emendar tua vida, para melhorar teus costumes, para sair de tuas misérias, para precaver os perigos, para salvar-te das enfermidades, para ver-te livre, enfim, da infinita multidão de calamidades e misérias que oprimem esta vida? O Espírito Santo diz nos Provérbios [^3]: *Aquele que volta males por bens experimentará sempre em sua casa a dor e a miséria.* O mesmo deves esperar tu, a respeito de tua alma, se, esquecendo o benefício da criação, da conservação, da redenção, se desprezando a proteção de Maria santíssima e dos santos e a custódia dos anjos, não somente não dás graças a Deus por todos estes favores, mas em todas as tuas obras te manifestas ingrato.

Segundo ponto

Considera os poderosos motivos que tens para ser agradecido a Deus e a seus santos, para que, trazendo sempre tua alma empregada em consideração tão frutuosa, te livres de cair na ingratidão.

O real profeta Davi, reconhecido aos muitos benefícios que havia recebido da generosa mão do Deus de Israel, já exaltando-o ao trono desde o humilde cajado, já fazendo-o triunfar de seus inimigos, exclamava cheio de gratidão [^4]: *Em todo tempo, a toda hora bendirei ao Senhor, e sempre sem intermissão estarão em minha boca seus divinos louvores.* Sabia muito bem o santo profeta que é curto o tempo desta vida mortal para dar a Deus os devidos sinais de gratidão que exigem seus benefícios. Que tens no natural que não o hajas recebido de sua piedosa mão? A saúde, o ser e a existência; a conservação maravilhosa entre os infinitos perigos a que está exposta a infância; teu honrado nascimento, a probidade de teus pais, os bens de fortuna com que te sustentas sobre a terra; os frutos copiosos que logram teus trabalhos nos tempos oportunos, a mesma terra que te sustenta, o ar que fomenta a vida e a luz do sol que te alegra e regozija são uns bens tão palpáveis que cada um de por si merece todo o reconhecimento de teu coração. Pois quê, se se consideram os bens do espírito, não poderias ter nascido em terra de bárbaros ou de gentios idólatras, onde nunca terias conhecido o verdadeiro Deus? E posto que nasceste em terra de cristãos, não se obrou para ti a regeneração do batismo, a constituição da Igreja? E não se dirige a teu bem a piedade e zelo de seus ministros, que velam por tua saúde, já dando-te uma doutrina segura com que chegues a conhecer os dogmas de uma religião sacrossanta, imaculada e pura, já excitando-te ao cumprimento de seus preceitos e já finalmente oferecendo-te as espirituais medicinas que tem a Igreja para as enfermidades da alma e até para dar-te nova vida no caso de que a houvesses perdido pela culpa?

Se a tudo isto se acrescenta a contínua efusão de auxílios e de graças interiores que te apartam do mal e te inclinam ao bem, faz-se preciso tirar por consequência, a respeito da gratidão, o que dizia São Paulo a respeito da caridade: a saber, que ainda que todos os teus membros se convertessem

em línguas que estivessem continuamente cantando a Deus louvores; ainda que teu corpo e tua alma, teus sentidos, tuas potências e todos os teus afetos entrassem num forno aceso e ardessem em fogo de gratidão, tudo isto não bastaria para chegar a cumprir a obrigação que tens de ser agradecido a Deus. Mas este Senhor não exige de nós tanto. Não necessita de nossos bens; porque tão santo, tão onipotente, tão bom e tão feliz seria sem nos haver criado, ou sendo-lhe ingratos todos os homens, como sendo-lhe perfeitamente agradecidos e cumprindo exatamente todos os seus preceitos. Assim que o benefício é para nós mesmos, e este o podemos conseguir a muito pouca custa. Só exige de nós a submissão, o reconhecimento e um tributo de bênção e louvor em sinal de nosso agradecimento. Seus benefícios não podem ser pagos com outros benefícios, porque *quem é aquele,* se diz na sagrada Escritura, *que fez a Deus alguma dádiva e lhe será galardoada?* Mas para tua inteligência não te esqueças do que diz Jesus Cristo no Evangelho, a saber: *Tudo o que fazeis ao mais mínimo de meus pobres e necessitados, tende entendido que o executais comigo.* Segundo esta sentença, ainda que não possamos manifestar nossa gratidão a Deus fazendo-lhe benefícios em sua mesma pessoa, podemos pagar-lhe fazendo estes mesmos benefícios aos que o representam, que são os pobres.

Jaculatórias

> *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Sl 115.

Que darei ao Senhor em agradecimento de tantos benefícios como tenho recebido de sua misericordiosa mão?

> *Grati estote: orationi instate, vigilantes in ea in gratiarum actione.* Cl 3.

Sede agradecidos; e o modo é perseverar continuamente na oração, velando nela e dando a Deus graças pelos benefícios que haveis recebido de sua misericórdia.

Propósitos

1. Entre todos os vícios de que se queixa Deus nas sagradas Escrituras de seu povo, não há nenhum que tire de seu coração queixas tão sentidas e amargas como a ingratidão. *É isto,* diz-se no Deuteronômio [^5], *o que dás a teu Deus? Ó povo estulto e néscio! Porventura não é Deus teu Pai, quem te possuiu, te fez e te criou?* O Verbo divino encarnado, que veio a este mundo para padecer e morrer afrontosamente, não despregou seus lábios em todos os tormentos que lhe fizeram padecer os judeus; somente quando recebeu a bofetada daquele ingrato ministro, a quem

pouco antes havia feito um benefício assinalado, não pôde conter a severidade de sua justiça sem lançar-lhe em rosto sua ingratidão e acusá-lo da enormidade de seu delito. Os castigos que tem executado Deus com os ingratos e o modo com que tem manifestado sua indignação provam igualmente o horrendo e abominável deste vício. Bem sabido é o castigo de Amazias, rei de Israel. Havia-lhe Deus feito o benefício de vencer os idumeus e outros muitos e poderosos inimigos; e, em lugar de dar a Deus as devidas graças, adorou os ídolos e os levou a Jerusalém. Portanto, irritado Deus, enviou-lhe um profeta que lhe dissesse de sua parte estas palavras: «É este o agradecimento com que pagas a Deus o haver-te ajudado contra teus inimigos? Sabe que o Senhor decretou tua morte, que caias cativo nas mãos de teus contrários e que estes executem em tua pessoa uma justa vingança.»

2. Tudo isto, quanto fica dito nas meditações, e muitas outras sentenças que se poderiam tirar da Escritura e dos Padres, provam claramente que a ingratidão é o mais feio de todos os vícios e que não há monstro tão horroroso como um ingrato. A festividade que celebra neste dia a igreja da Espanha recorda a todos os espanhóis em comum, e a cada um em particular, um dos maiores benefícios que tem recebido a Espanha; e nisto mesmo lhe recorda a obrigação que tem de mostrar-se agradecida, primeiramente a Deus e depois ao apóstolo Santiago, por cuja intercessão logramos um tão grande benefício. Singularmente as mulheres, e entre estas as donzelas, devem considerar-se como particularmente protegidas, trasladando-se com a imaginação aos passados séculos e constituindo-se no lugar daquelas infelizes que tinham de servir de tributo à brutalidade sarracena. Mas o melhor modo de pagar a Deus e ao apóstolo Santiago sua dívida de gratidão é com a modéstia de seus trajes, com a honestidade de suas ações, com a pureza de seus costumes e com uma vida enfim arrumada em tudo às máximas do Evangelho.

[^1]: O texto traz 677; a «Nota do tradutor» adiante dá o ano 676 como o aceito pela maioria. No início do dia aparece ainda, deslocada pelo OCR, a nota «(1, Prov. 3.», que pertence ao dia 22 (Pr 3,5, nos Propósitos de Santa Júlia, Santa Rita e Santa Quitéria). [^2]: O original traz «Cap. 18. Sol.» (provavelmente os *Solilóquios*, cap. 18, atribuídos a Santo Agostinho). [^3]: Pr 17,13 (o original traz «Cap. 7», erro de OCR). [^4]: Sl 33,2 (Vulgata). A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^5]: Dt 32,6. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:30 by Admin